

Debemos señalar, además de la calidad con la que el libro ha sido editado, la importancia que se debe, y que merece ya, el mundo del libro impreso en Oriente, del cual disponemos de pocos estudios generales y al que se incorporan con cierta tardanza los datos descubiertos, fruto de una tradición historiográfica que enfrenta la historia de la imprenta *versus* la historia del libro.

MANUEL MARCOS ALDÓN
Universidad de Córdoba

LE COZ, Raymond, *Les médecins nestoriens au Moyen Âge: les maîtres des Arabes*. Préface de Guy Lazorthes, col. «Comprendre le Moyen-Orient» (Paris: L'Harmattan, 2004), 371 pp.

Nas histórias gerais da Humanidade, das suas actividades e realizações, os povos que não constituíram impérios ficam algo preteridos, mesmo que tenham contribuído de modo significativo na elaboração da civilização dos impérios que eles integravam!

A obra em apreço pretende preencher tal lacuna no que diz respeito à história da medicina, recuperando a vivência e o contributo dos cristãos ditos nestorianos no quadro dos impérios medievais do Médio Oriente, persa-sassânida e islâmico.

De facto, na linha das práticas cristãs que se foram impondo no Império romano oriental, mais tarde bizantino, entre os séculos IV e VI, os monges e prelados siríacos meteram-se a estudar a medicina grega e a gerir hospitais comunitários ou públicos (não haveria diocese alguma que não tivesse um hospital sob a autoridade das instâncias eclesiásticas!), chegando vários deles a ocupar o cargo de médico junto dos soberanos e altos funcionários de ambos os impérios. Depois de traduzirem para o siríaco os tratados e manuais clássicos gregos, verteram-nos para o árabe, e tornaram-se, na Bagdade dos séculos VIII-X, os primeiros mestres de medicina e farmacologia, antes da emergência das respectivas Escolas árabo-persas muçulmanas. Escolas estas que constituíram, como se sabe, a base da medicina cristã ocidental medieval, até pelo menos o século XVII. O que teria sido a medicina árabe e, indirectamente, a medicina ocidental e até moderna, sem o contributo desse povo, hoje quase decimado (!), e o seu papel de transmissor dos textos gregos e, mais globalmente, das práticas médio-orientais antigas?

O presente livro entronca no duplo interesse científico de Le Coz: os cristãos siríacos do Médio-Oriente, por um lado, e a medicina no cristianismo da Baixa Antiguidade e alta Idade Média, por outro.

Destacam-se nesses domínios, a sua *Histoire de l'Église d'Orient: chrétiens d'Irak, d'Iran et de Turquie* (Paris, 1995) e a sua tradução anotada dos caps. IV e XI das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha (Montastruc-la-Conseillère, 2002), os relativos precisamente às ciências da saúde.

Depois do breve prefácio do professor G. Lazorthes, membro do Institut-Académie des Sciences e da Académie Nationale de Médecine, e da introdução do Autor (pp. 11-16), o livro divide-se em 13 capítulos. Segue-se: um breve epílogo a guisa de *conclusão* sobre o destino do Nestorianos hoje (pp. 247-48); alguns anexos (pp. 257-61), incluindo uma apresentação das fontes árabes e siríacas; as notas ao corpo do texto, agrupadas no fim da obra (pp. 263-346); a extensa bibliografia (pp. 349-66).

O quatro primeiros capítulos podem ser considerados preliminares ao tratamento de fundo da obra, que incide de facto sobre a época islâmica abácida, mercê da abundância dos materiais a nosso dispor e devido à relevância da mesma para o futuro da medicina. Assim, o cap. 1 (pp. 17-36), sobre o legado bizantino, trata dos antecedentes imediatos da medicina siro-persa, ou seja, dos últimos séculos da Escola de Alexandria, com o nascimento do galenismo, e da medicina na primeira Igreja oriental, com o conseqüente aparecimento da instituição hospitalar. Capítulos 2-3 (pp. 37-66) apresentam as Escolas de língua siríaca de Edessa e de Nísibis sob o domínio alternado de Bizantinos e Persas, e a Escola nestoriana de Jundixapur no Império sassânida. Segue-se o cap. 4 (pp. 67-83) sobre os primórdios do domínio islâmico: as relações entre cristãos e muçulmanos; os Árabes e a medicina; a medicina no tempo dos Omíadas (onde se nota o contributo antes de cristãos melquitas e siro-jacobitas...).

Depois de uma visão de conjunto sobre os médicos nestorianos na Bagadade dos séculos VIII e IX (cap. 5, pp. 85-102), o Autor dedica os capítulos seguintes aos grandes médicos e famílias de médicos. Em primeiro lugar (cap. 6, pp. 103-26), vem a dúzia (!) de membros da família dos Baḥtīšū', a quem se deve, entre outros, o primeiro hospital muçulmano (*bīmāristān*, termo persa-árabe) no tempo do mítico califa Hārūn al-Rašīd (786-809), e de seguida (cap. 7, pp. 125-47) a família dos Māsawayh, com destaque para aquele que foi o maior médico do seu tempo, Yūḥannā Ibn Māsawayh (o Mesue dos Latinos, m. 857), cujas obras, uma das primeiras a serem escritas directamente em árabe no campo respectivo (!), são devidamente analisadas. Ḥunayn ibn Ishāq (803-873) e sua escola de tradutores são tratados nos caps. 8-9

(pp. 149-91). Atribui-se a este grande médico (oftalmologista exímio) e tradutor, que foi simultaneamente filósofo, teólogo e linguista, uma centena de obras e duas centenas de traduções, incluindo o *corpus* clássico de Galeno (com a participação de Dubayš) e, no que toca à filosofia, a obra de Aristóteles (de parceria com o seu filho, Ishāq ibn Ḥunayn). Dominando o árabe (era de estirpe árabe!), o siríaco e o grego, com conhecimentos do persa, devem-se a ele as melhores traduções directas do grego e a revisão de muitas versões siro-árabes. Foi com ele que se forjou a língua árabe de carácter filosófico-científico e que se fixou a divisão entre medicina teórica e prática.

Com o cap. 10 (pp. 193-210), passa-se aos médicos do século X até ao XIII, num tratamento global, século por século. Se encontramos ainda no século X vários personagens pertencentes às famílias referidas nos séculos anteriores, surgirão outras dinastias mais tarde, tais como os Banū l-A‘radī e os Banū l-Tilmīd (tabelas genealógicas na pág. 210), ao lado de muitos outros nomes, com destaque para Abū Bišr Mattā, do século X, Abū l-Farağ Ibn al-Ṭayyib (o último mestre de lógica do Bayt al-Ḥikma e o maior exegeta e canonista da Igreja nestoriana...) e al-Muḥtār Ibn Buṭlān, ambos do século XI.

A obra que Le Coz dedica aos médicos siro-nestorianos, acaba com um duplo capítulo que trata, por um lado, das suas outras produções intelectuais no campo da tradução, da filosofia e ciência e das letras em geral (cap. 11, p. 210-20) e, por outro, da ligação entre a actividade e ciência médicas com as instituições eclesíásticas e a actividade teológica (cap. 12, pp. 221-33), visto que a maioria dos nossos médicos eram padres, bispos e até patriarcas (influência zoroastriana, quiçá, ligando as medicinas espiritual e física, na linha da grande tradição indiana...). Finalmente, o cap. 13 (pp. 235-45) intitulado “Les médecins nestoriens et l’Occident latin au moyen âge”, oferece um breve panorama sobre a medicina no mundo latino na Idade Média, antes e depois do conhecido impacto dos textos de tradição árabo-islâmica, concluindo, na última página apenas, com o papel da *Isagoge* de Ḥunayn ibn Ishāq no currículo universitário. Pensamos que se poderia dizer muito mais sobre o assunto anunciado no título do capítulo, inclusive sobre os textos de médicos ou cientistas doutras confissões cristãs que chegaram a ser traduzidos para o latim, até no âmbito da Península Ibérica (!). A nossa esperança é que o nosso Autor se dedique proximamente à recolha sistemática desse património árabo-latino científico de origem cristã!

A investigação que se encontra registada nas páginas deste livro, é cuidadosa e abrangente. Está baseada nas fontes originais, árabes e siríacas – que estão apresentadas e o seu valor discutido no respectivo *Anexo* (pp. 249-56) – a par da profusa literatura secundária. O texto é fluente e rico em informações, análises e breves extractos das obras estudadas. Os elementos de carácter científico *strictu sensu*, estão devidamente contextualizados em termos históricos. O Autor não descuidou de referir também as pequenas estórias do quotidiano, que dão sabor à leitura de matérias científicas, mas sobretudo desvendam toda uma vivência humana, com os seus lados positivos e negativos... Neste ponto, apesar da empatia que o liga ao grupo religioso que estudou, Le Coz foi sempre objectivo e imparcial na exposição dos factos. Trata-se inequivocamente de um contributo valioso para a história mundial da medicina e demais ciências da saúde, recuperando e elucidando o papel original e intermediário de um grupo linguístico e religioso minoritário, hoje em via de lento desaparecimento.

Lamentamos apenas, em termos editoriais, que as notas tenham sido rejeitadas para o fim da obra, por cima sem cabeçalhos que possam orientar o leitor na sua consulta das mesmas – opção de resto feita para a totalidade do volume, impedindo o seu manuseamento simples e rápido! No que diz respeito à bibliografia, é corrente citar-se por extenso o nome próprio dos autores das monografias, que não necessariamente dos artigos, para mais fácil e segura identificação em ficheiros e bases de dados. Por outro lado, com o fim de permitir aos leitores uma apreciação pessoal do valor das referências invocadas e do grau de actualização da literatura utilizada, recomenda-se sempre a indicação das datas das edições originais, sobretudo quando se trata de reimpressões ou meras reedições (flagrante aqui o caso das obras de Louis Cheikho, mais velhas de quase um século em relação às datas referidas...). Aconselho pessoalmente de proceder do mesmo modo para as traduções, indicando os títulos e datas dos respectivos originais, se não for possível consultá-los directamente.

ADEL SIDARUS

Universidad de Évora – ICT, Lisboa

MÉBARKI, Farah; PUECH, Émile *et alii*, *I manoscritti del Mar Morto* (Milano: Jaca Book SpA, 2003), 240 pp.; ilustr.

El volumen que reseñamos a continuación, la edición italiana de la edición original francesa publicada por Éditions du Rouergue en el